

# Ezra Pound – Canto III

Sentei-me nas escadas de Dogana  
Pois as gôndolas, muito caras naquele ano,  
E lá não estavam “aquelas garotas”; havia uma face,  
E o Buccentoro, a vinte jardas, bradando “Stretti”,  
E as vigas no Morosini clareadas naquele ano,  
E pavões na morada de Koré, ou talvez tenham lá estado.  
Flutuam deuses no ar azul,  
Deuses radiantes e toscanos,  
de volta antes do orvalho ser vertido.  
Luz: e a luz primeira antes de qualquer orvalho.  
Paniscos, e emergindo do carvalho, dríade,  
E vindo da maçã, melíade,  
Através da floresta e folhas cheias de vozes  
Sussurrantes, e as nuvens inclinadas sobre o lago,  
E lá estão deuses sobre elas,  
E dentro d’água as amendoadas nadadoras,  
A água prateada vitrifica os seios,  
Como Poggio havia reparado.  
Veias verdes na turquesa,  
Ou: a escada cinza segue acima sob os cedros.

Meu Cid foi no cavalo para Burgos,  
Até o portão de pregos entre duas torres,  
Golpeou-o com a lança, e veio a criança  
Una niña de nueve años,  
À pequena sacada sobre o portão, entre as torres,  
Lendo o mandado, você tinnula:  
Que nenhum homem fale, alimente, ajude Ruy Díaz,  
Sob a pena de ter o coração  
Arrancado e espetado numa estaca,  
Os olhos extraídos, os bens seqüestrados,  
“E aqui, Myo Cid, estão os selos,  
A grande chancela e o mandado.”  
E veio embora de Bivar, Myo Cid,

E lá nenhum falcão ficou pelos poleiros,  
E lá nenhuma roupa nos armários,  
E, com Raquel e Vidas, a bagagem,  
O grande caixote de areia aos agiotas,  
A fim de receber o pagamento do criado;  
Abrindo seu caminho até Valência,  
Inês de Castro assassinada, e um muro  
Ora desguarnecido, ora intocado.  
Sinistro dissipar, a cor é pó na pedra,  
Cai o reboco, Mantegna pintou o muro.  
Traços de seda, "Nec Spe Nec Metu".

**Ezra Pound, Os Cantos**